

# UMA ABORDAGEM SEMÂNTICA DOS ADVÉRBIOS EM -*MENTE* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

## *A semantic approach to the adverbs ending in 'mente' in Brazilian Portuguese*

Tércio Campos Polli\*

### 1 INTRODUÇÃO

Várias são as propostas de classificação dos advérbios na gramática em geral. Na área gerativa, a mais comum é a de Jackendoff (1972), que os classifica em (i) **advérbios de modo**, (ii) **advérbios orientados ao sujeito** e (iii) **advérbios orientados ao falante**. A partir dessa obra, em que o autor analisa a distribuição e a interpretação semântica dos advérbios predicativos da língua inglesa, Ernst (1983), Travis (1988), Larson (1988), Rochette (1991), entre outros, deram continuidade às pesquisas adverbiais, adaptando os ensinamentos de Jackendoff e aprimorando-os dentro da nova corrente teórica: a Teoria dos Princípios e Parâmetros. Após 1993, com a inauguração do Programa Minimalista de Chomsky, surge um grupo de pesquisadores preocupados em continuar o estudo da sintaxe e da semântica adverbial, na tentativa de desvendar mistérios que ainda não haviam sido esclarecidos ou abordados: Alexiadou (1999), Laenzlinger (1999), Cinque (1999), Costa (no prelo) e Ernst (2001), entre outros.

Conforme esclarece Ernst (2001), existem abordagens extremadas, situadas em eixos opostos de um *continuum* de sintaxe-semântica que ou

\* USP (Doutorando).

negam qualquer importância semântica para a compreensão das possíveis posições dos advérbios na sentença, ou ignoram qualquer fenômeno sintático, defendendo que um advérbio pode aparecer onde quer que ele possa ser interpretado, sem restrições sintáticas. Entretanto, entre esses dois extremos jaz um *continuum* de abordagens que levam em consideração tanto a sintaxe como a semântica para a compreensão das propriedades distribucionais dos advérbios, sendo que algumas tendem mais para o lado dos princípios sintáticos; outras, dos princípios semânticos.

Um tipo de teoria que tende ao lado sintático do *continuum* é representada por Alexiadou (1999), Laenzlinger (1999) e Cinque (1999), entre outros. Tal teoria admite que existe uma sequência organizada de núcleos funcionais (frequentemente vazios), rigorosamente ordenados e determinados pela Gramática Universal (doravante UG, de *Universal Grammar*), podendo cada um deles licenciar uma classe específica de advérbios. Dessa forma, tal sequência prediz uma ordenação rígida de todos os advérbios e núcleos na sentença, apesar de ordens alternativas poderem ser derivadas, admitindo-se (a) núcleos adicionais para licenciar advérbios homófonos com significados sutilmente diferentes, (b) regras para mover advérbios de sua posição de base, ou (c) movimento de núcleos sobre advérbios (alçamento de verbo, por exemplo). Apesar do fato de a semântica ter seu peso nesse sistema, ela atua indiretamente, e apenas se reforça a ordem rígida dos núcleos funcionais na UG.

Mais para o lado semântico do *continuum* encontramos Rochette (1991), Haider (1999) e Ernst (2001), entre outros. Neste caso, as posições dos advérbios são determinadas por uma combinação de propriedades lexicosemânticas e de regras composicionais. Os princípios sintáticos têm sua importância, mas são responsáveis, no máximo, para estabelecer *a priori* as possíveis posições de adjunção numa dada língua (descartando, por exemplo, a posição entre verbo e objeto direto em várias línguas SVO, ou posições pós-verbais para línguas SOV).

Neste trabalho, tenta-se aplicar, a fim de verificar sua eficácia na descrição de propriedades distribucionais dos advérbios em *-mente* do português brasileiro (doravante PB), uma das teorias que tende ao lado semântico dos estudos sobre advérbios, mais especificamente a teoria de Ernst (2001). Esta considera fundamental, para a descrição da distribuição dos advérbios na sentença, propriedades lexicosemânticas desses itens lexicais e suas atribuições de escopo.

Na seção 2, relaciono e explico brevemente os tópicos principais da proposta de análise escolhida. Na seção 3, realizo a aplicação da teoria proposta para a descrição das propriedades distribucionais dos advérbios predicativos em *-mente* do PB. Em particular, verifico se o cálculo FEO das

sentenças com advérbios retrata adequadamente a posição e a interpretação dos advérbios. As considerações finais encontram-se na seção 4. Para finalizar, relaciono as referências bibliográficas do trabalho.

## 2 QUADRO TEÓRICO

Ernst (2001) desenvolve uma classificação dos advérbios com bases semelhantes (princípios semânticos) às de Jackendoff (1972) e de Rochette (1990), mas classifica-os diferentemente em **advérbios predicativos, de domínio e funcionais**. Relaciono, a seguir, alguns de seus conceitos e maquinários sintáticos e semânticos apenas sobre os advérbios predicativos.

Advérbios predicativos são aqueles que se comportam como predicados graduais que selecionam, pelo menos, **eventos** ou **proposições** (numa escala gradual em que *proposição* é superior a *fato*, que é superior a *evento externo*, que é superior a *evento interno*) como seus argumentos (constituintes irmãos), e que são geralmente formados, em inglês, por um **adjetivo** mais o sufixo *-ly*.<sup>1</sup> Já em português, conforme Câmara Jr (1970), geralmente são constituídos por um adjetivo (com desinência de gênero feminino *-a*, ou com vogal temática *-e*, ou até mesmo sem nenhum desses elementos) mais o sufixo *-mente*. Vejamos alguns exemplos:

- calmo > calma + *-mente* = calmamente
- triste + *-mente* = tristemente
- normal + *-mente* = normalmente

Em vez de advogar que cada classe de advérbio precise de uma regra de interpretação ao ser adjungido a alguma projeção estipulada (como em JACKENDOFF, 1972), Ernst (2001) propõe que cada tipo de advérbio seleciona um tipo específico de argumento semântico. O objeto então formado pela combinação do advérbio com seu argumento é também de um tipo semântico específico, e os elementos funcionais na sentença, bem como a negação, têm um processo de seleção similar. Quando a composição semântica ocorre, todas as exigências lexicossemânticas devem ser satisfeitas para que uma sentença seja gramatical. Como as exigências semânticas de um dado adjunto são necessárias independentemente da sintaxe, esta abordagem, ressalta Ernst, permite eliminar parte do maquinário sintático que tem sido freqüentemente proposto para a descrição da distribuição dos

<sup>1</sup> Faço essa observação do inglês porque a teoria aqui adotada foi desenvolvida nesse idioma.

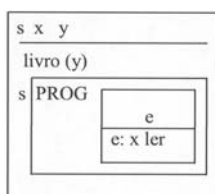
adjuntos (várias projeções funcionais, movimento do verbo sobre o advérbio e vice-versa etc.).

Para se entender a distribuição dos advérbios pelo prisma semântico, é necessário, conforme Ernst, que se considere que o significado de uma sentença é formado a partir do evento mais básico, consistindo apenas de um predicado e de seu argumento, e atinge as proporções da proposição denotada pela sentença inteira. Nesta proposta, adota-se uma variante da abordagem Neo-Davidsoniana em que o evento básico envolve uma variável de evento. Dessa forma, uma sentença como (1) pode ser representada como (2):

- (1) “Marcos comeu o pudim.”  
 (2)  $\exists e [C(e) \ \& \ Agt(e,m) \ \& \ Th(e,p)]$

Ignorando-se o tempo verbal, a representação em (2) significa que “há um evento de comer (C), sendo Marcos (m) o agente (Agt) desse evento, e o pudim (p) o tema (Th).”

Na teoria representacional do discurso (doravante DRT, de *Discourse Representational Theory*), as regras de construção especificam como tais variáveis são introduzidas, e como as declarações sobre elas (C(e), Agt(e,m) etc.) são adicionadas à representação. Embora as regras de construção não sejam utilizadas, neste trabalho, com o formato da DRT, é importante que elas permitam que eventos e proposições sejam formados por eventos e proposições menores. Na DRT padrão, isto é feito por meio de quadros, como ilustra a representação (3) para *estar lendo um livro*:



Utilizo, então, seguindo Ernst, para ressaltar a formação de eventos e proposições em unidades maiores, uma notação mais linear que substitui quadros por colchetes e variáveis por etiquetas nos colchetes. Sendo assim, (2) é equivalente a (4), e (3) a (5):

- (4)  $[_{\text{Evento}} C(e) \ \& \ Agt(e,m) \ \& \ Th(e,p)]$   
 (5)  $[_{\text{Estado}} \text{PROG} [_{\text{Evento}} L(e) \ \& \ Agt(e,x) \ \& \ Th(e, \text{livro})]]$

Eventos e proposições, aqui chamados de *objetos fato/evento* (doravante FEO, de *Fact-Event Objects*), são de extrema importância para a compreensão da sintaxe e da semântica dos advérbios. Nestas representações, para cada FEO derivado há uma etiqueta em subscrito logo após o colchete inicial indicando seu referente discursivo no universo da representação. Já os parênteses dentro dos colchetes fornecem condições sobre os referentes.

Veja como as camadas de FEOs podem ser aplicadas aos advérbios. Primeiramente, cabe-me ressaltar que, na proposta adotada, os advérbios são entendidos tecnicamente como um subtipo de adjetivo e, dessa forma, classificados pelos traços categoriais básicos [+N, +V], sendo subespecificados no léxico com traços fonológicos / morfológicos que os transformam em composições com o sufixo *-mente* após *spell-out* em PF. Sempre formam um sintagma adverbial (AdvP), estando sua posição de especificador preenchida ou não. Observe, então, quais representações semânticas as sentenças (6a), (7a) e (8a) adquirem em (6b), (7b) e (8b), respectivamente:<sup>2</sup>

(6a) *O Marcos não furou a bola.*

(6b) [<sub>PROP</sub> [<sub>ESTADO</sub> PASSADO [<sub>ESTADO</sub> ~ [<sub>EVENTO</sub> F(e) & Agt (e,m) & Th (e,b)]]]]

(7a) *O Marcos segurou a bola por uma hora.*

(7b) [<sub>PROP</sub> [<sub>PROC</sub> PASSADO [<sub>PROC</sub> por uma hora [<sub>EVENTO</sub> S(e) & Agt (e,m) & Th (e,b)]]]]

(8a) *Obviamente, o Marcos sabiamente não segurou a bola por uma hora.*

(8b) [<sub>PROP</sub> ÓBVIO [<sub>PROP</sub> [<sub>ESTADO</sub> SÁBIO [<sub>ESTADO</sub> PASSADO [<sub>ESTADO</sub> ~ [<sub>PROC</sub> por uma hora [<sub>EVENTO</sub> S(e) & Agt (e,m) & Th (e,b)]]]]]]]]

Por exemplo, em (8b), temos um evento básico *segurar a bola*, e o PP *por uma hora* o transforma em um processo. A negação converte o processo *segurar a bola por uma hora* em um estado, e o advérbio *sabiamente* toma esse estado como um de seus argumentos (o interno), resultando num outro estado, o qual se aplica ao sujeito agente da sentença (segundo argumento de *sabiamente*). O tempo converte um evento em outro evento e, finalmente, esse evento é convertido a uma proposição, a qual se torna o

<sup>2</sup> Representação semântica é a representação do significado que é derivado a partir de LF pela aplicação de regras composicionais e pela ativação do significado das palavras.

argumento do advérbio obviamente (que requer que seu objeto seja verdadeiro, isto é, um fato). Essa última combinação resulta na proposição final, a denotação de toda a sentença.

O Cálculo FEO é o conjunto de regras para a construção de eventos e proposições, começando-se pelo evento básico e construindo-se objetos fato/evento mais complexos, adicionando-se camadas de advérbios, operadores quantificacionais ou aspectuais, modais e assim por diante, cada um mudando o tipo ou o subtipo de FEO. Os dois tipos básicos de FEOs incluem subtipos; por exemplo, proposições incluem (pelo menos) proposições verdadeiras (fatos) e proposições sem um valor de verdade determinado. Eventos incluem *estado*, *processo*, *achievement* e *accomplishment*.<sup>3</sup> Cada camada é adicionada sob irmandade (como um complemento) na estrutura sintática.

Existem três regras básicas para o Cálculo FEO:

- (9a) Qualquer tipo de FEO pode ser livremente convertido a qualquer FEO superior, mas não rebaixado, exceto:
- (9b) Quando exigido por itens lexicais ou operadores coercivos;
- (9c) Quando eventos forem interpretados como *eventos específicos* dentro do sintagma predicativo (PredP).

Algo como (9a) é amplamente aceito em qualquer teoria que faz uso de eventos e proposições. Por exemplo, uma sentença mínima como “*o João mentiu*” envolve um evento básico de *João mentir* e, se nenhuma modificação ocorre, este evento é convertido diretamente à proposição de que “*João mentiu*”. FEOs de tipos superiores não podem ser convertidos livremente a tipos inferiores (proposições a eventos). Já (9b) representa uma generalização com respeito a regras de construção específicas para vários operadores modais e aspectuais, negação etc. Permite, então, o mapeamento de qualquer FEO superior a um FEO inferior: verbos que tomam um argumento proposicional, por exemplo, mapeiam proposições a eventos (rebaixam o FEO na escala gradual). A condição (9c) é responsável por leituras de modo, no caso de advérbios adjungidos a VP ou PredP, e será abordada com mais detalhes na próxima seção.

<sup>3</sup> Conforme Ernst (2001), a maioria dos semanticistas diferencia *evento* de *estado*. Segue, porém, a linha dos sintaticistas ao considerar *estado* um tipo de *evento*.

Dessa forma, a classificação dos advérbios proposta por Ernst é elaborada conforme o tipo de categoria semântica que o adjunto seleciona: eventos ou proposições. Em (10), exponho apenas a classificação dos advérbios predicativos:

(10) TIPO + *EXEMPLOS* + (ARGUMENTO(S)) interno / ext.

A) ORIENTADOS AO FALANTE

- Orientados ao discurso: *francamente, sinceramente etc.* (P + C)
- Avaliativos: *estranhamente, infelizmente etc.* (P ou F)
- Epistêmicos/Modais: *provavelmente, possivelmente etc.* (P ou F)
- Evidenciais: *obviamente, claramente etc.* (F)

B) ORIENTADOS AO SUJEITO:<sup>4</sup>

- Orientados ao agente: *bruscamente, prudentemente etc.* (EE + A)
- De atitudes mentais: *calmamente, intencionalmente etc.* (EE + T)

C) EXOCOMPARATIVOS

*similarmente, independentemente etc.* (P ou F ou E)<sup>5</sup>

D) DE EVENTOS INTERNOS/DE MODO

*firmemente, cuidadosamente etc.* (EI)

E) DE MEDIDA/GRAU

*parcialmente, completamente etc.* (EI) EI

<sup>4</sup> Aqui faço apenas a tradução dos advérbios orientados ao sujeito do inglês. É parte desta pesquisa verificar se tais advérbios existem em PB e identificá-los.

<sup>5</sup> Os advérbios exocomparativos do PB não foram abordados neste trabalho.

Observações para o entendimento da classificação:

- P = proposição; F = fato (prop. verdadeira); EI = evento interno; EE = evento externo.
- A = agente; T = experienciador; C = *express* (predicado oculto).
- + = mais um argumento (externo).
- O argumento interno dos advérbios orientados ao agente é o evento.
- Todos os advérbios predicativos se adjungem a algum XP e tomam como argumento interno o evento ou a proposição XP que eles comandam.

Em relação a traços que desempenham um papel fundamental para a distribuição não só dos adjuntos mas também dos outros constituintes da sentença, Ernst adota os mecanismos seguintes:

- (11) As posições *especificador* e *complemento* são derivadas e representam, respectivamente, o complexo-F e o complexo-C. Cada complexo é um grupo de propriedades interligadas:
- (a) complexo-F: sugerido por *funcionalidade* (categorias funcionais), tendência a ser *leve* e condicionado por LF. Direção: esquerda.
  - (b) complexo-C: sugerido por *conteúdo* / *complemento* (categorias lexicais), tendência a ser *pesado* e condicionado por PF. Direção: direita.
- (12) Princípios de direcionalidade:
- (a) itens [+F] (categorias funcionais) são licenciados apenas na direção F-Dir (esquerda)
  - (b) as línguas são parametrizáveis para a ativação de C-Dir:
    - (i) se C-Dir é inativo, então todo XP complemento é [-R] (à esquerda do núcleo X);



- (ii) se e somente se C-Dir for ativo, então para qualquer categoria lexical em XP (complemento), se X possuir um traço C-Complex, então XP é [+R] (à direita do núcleo X).

Observe que C-Dir é parametrizável e responsável pela distinção entre *núcleo-final* (à direita = XP ; X) e *núcleo-inicial* (à esquerda = X ; XP). Saliento também que, no caso de complementos teta-marcados por V (objeto direto), estes são licenciados por traços de caso [+F] e submetem-se a F-Dir (posição de especificador à esquerda).

Tratando-se de adjuntos, dentro do VP todos eles devem ser adjungidos à direita (no caso de línguas X ; XP), porque o núcleo relevante X é da categoria V (uma categoria lexical com um traço C-Complex), o que faz com que eles sejam marcados com o traço [+R]. Acima de VP, em projeções de núcleos funcionais, nem o núcleo e nem o adjunto têm um traço C-Complex, já que o núcleo é [-Lex] e o adjunto não é complemento. Como resultado, em línguas SVO, os adjuntos acima de VP podem ser ou pré-verbais ou pós-verbais, em princípio. Neste caso, outros fatores determinam suas posições. Um deles, conforme Ernst (2001), seria o fator peso.

Conforme a Teoria do Peso formalizada pelo autor em questão, o peso do constituinte pode determinar sua posição à esquerda ou à direita do verbo, conforme as circunstâncias abaixo:

(13a) o peso é determinado por:

- (i) Categoria (CP> PP> DP> AP> AdvP com compl.> AdvP sem compl.). (do mais pesado [- Lite] para o mais leve [+Lite])

(ii) Quanto mais foco, mais peso.

(13b) peso final: numa seqüência de constituintes pós-verbais em PF, a ordem preferida é a do peso maior à direita.

A inversão da posição do constituinte adverbial dar-se-ia antes de *spell-out*, e o traço [+/- Lite] seria checado em PF.

Outros aspectos semânticos, bem como os sintáticos, adotados pelo autor em sua proposta serão apresentados no decorrer das análises dos fatos lingüísticos em estudo, conforme a necessidade.

### 3 ANÁLISES

Minha tarefa, no desenrolar desta seção, é utilizar a classificação semântica e o maquinário (tanto sintático como semântico) adotados por Ernst (2001) para a descrição do comportamento sintático e da interpretação de apenas alguns dos advérbios predicativos em *-mente* do PB. Ressalto que esta investigação é introdutória.<sup>6</sup>

Os fatos lingüísticos serão apresentados cada um por vez e em forma de perguntas-problema.

#### 3.1 POR QUE ADVÉRBIOS DE GRAU NÃO PODEM APARECER EM POSIÇÕES PRÉ-VERBAIS NO PB?

Em PB, dados a partir de julgamentos intuitivos e de pesquisas baseadas em *corpus* mostram que um advérbio como *completamente*, de grau, posicionado à esquerda de um verbo principal ou auxiliar torna a sentença agramatical. Observe:<sup>7</sup>

- (14a) *A Juliana perdeu completamente a cabeça.*
- (14b) *A Juliana perdeu a cabeça completamente.*
- (14c) *\*A Juliana completamente perdeu a cabeça.*
  
- (15a) *O Marcos está completamente perdido.*
- (15b) *O Marcos está perdido completamente.*
- (15c) *\*O Marcos completamente está perdido.*

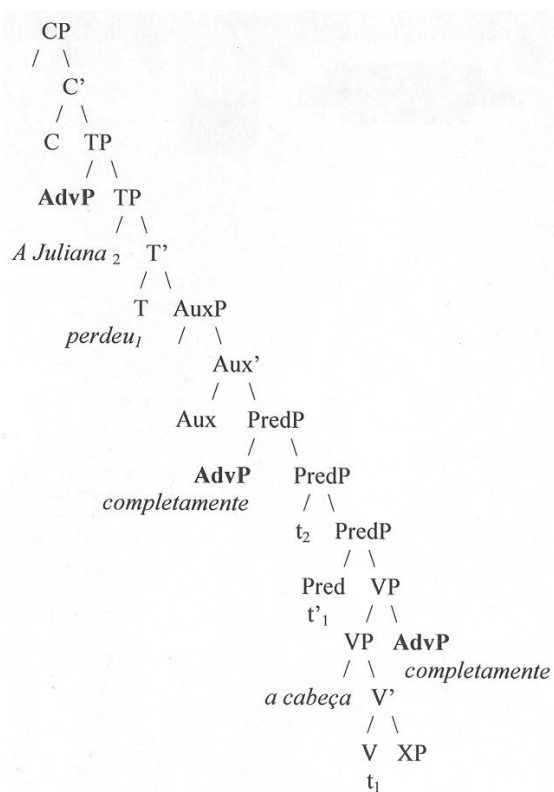
A partir dos preceitos em Ernst (2001), advérbios de grau selecionam um evento interno como argumento. Dessa forma, eles precisariam ficar na esfera de PredP ou VP, em que se realiza o evento interno da sentença. Vejamos se isso, de fato, pode dar conta desta questão.

<sup>6</sup> Gostaria de deixar claro que sou extremamente grato ao Prof. Dr. Tomas Ernst da UMASS/EUA por ter-me fornecido material de pesquisa via correio aéreo e esclarecimento de dúvidas via correspondência eletrônica.

<sup>7</sup> O *corpus* ao qual me refiro é o utilizado por mim na minha pesquisa de mestrado (dissertação). Para maiores detalhes, aconselho o leitor a consultá-la: *Advérbios em -mente do português brasileiro – posições e interpretação*. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo.

A estrutura ilustrada em (16) abaixo refere-se às sentenças (14b) e (15a) e será utilizada para a investigação do fato lingüístico descrito acima. Ela encontra-se sem projeções funcionais de concordância tanto para sujeito como para objetos (direto e indireto), conforme Chomsky (1995), e ilustra a hipótese de que o sujeito representa argumentos externos genuínos, no sentido de que o predicado verbal impõe uma interpretação particular sobre seu sujeito (ERNST, 2001). Dessa forma, o sujeito é licenciado por V (o qual sobe para Pred, projeção funcional acima de VP) e gerado adjungido a PredP, subindo para Spec – TP, para checagem de um traço [+D]. O objeto direto é gerado em Spec – VP, posição em que ele checa seu caso acusativo (configuração de Spec-Núcleo).

(16)



O advérbio *completamente* tem propriedades lexicosseânticas que determinam que ele tome um evento interno como seu argumento, de cuja concatenação resulta um outro evento: [evento Adv [evento]]. Sendo assim, não pode ocupar uma posição mais acima de PredP. Se adjungido a TP, tomaria como escopo ou um evento externo ou uma proposição, causando uma violação de suas propriedades lexicosseânticas (as quais licenciavam os advérbios em determinadas posições), tornando a sentença agramatical. Tal agramaticalidade está representada nas sentenças (14c) e (15c) acima. Em (17b) apresento a representação do cálculo FEO para o advérbio *completamente* da sentença (14c), repetida abaixo em (17a) com sua representação estrutural linear:<sup>8</sup>

- (17a)  $[_{TP} \text{ *completamente* } [_{TP} A \text{ *Juliana* } _3 [_{T} \text{ *perdeu* } _2 [_{PredP} t_3 [_{PredP} t_2 \text{ *a cabeça* } ]]]]$
- (17b)  $*[_{EVENTO} \text{ COMPLETO } [_{PROP} [_{EVENTO} P(e) \& Agt(e,j) \& Th(e,c)]]]$

Como não há posição para *completamente* entre TP e T, o advérbio é forçado a se adjungir à esquerda de TP, tomando como argumento uma proposição (e não o evento interno a PredP, como deveria), violando, dessa forma, propriedades lexicosseânticas e tornando a sentença agramatical.

Com relação à agramaticalidade da sentença (15c), a mesma análise se aplica. Repito tal sentença em (18) e apresento, então, a representação do cálculo FEO do advérbio em (19a). Já (19b) ilustra a representação do cálculo FEO do advérbio de uma sentença gramatical:

- (18)  $[_{TP} O \text{ *Marcos* } _1 [_{AuxP} \text{ *completamente* } [_{AuxP} \text{ *está* } _2 [_{PredP} t_1 [_{PredP} t'_2 [_{VP} t_2 \text{ *perdido* } ]]]]]]$
- (19a)  $*[_{PROP} [_{EVENTO} \text{ COMPLETO } [_{EVENTO-E} [_{EVENTO-I} P(e) \& Exp(e,m)]]]]]$
- (19b)  $[_{PROP} [_{EVENTO-I} P(e) \& Exp(e,m) \& \text{ COMPLETO } (e^*)]]]$ <sup>9</sup>

<sup>8</sup> No caso de advérbios de grau, preferi considerá-los, contrariamente a Ernst (2001), um subtipo dos advérbios de modo, por terem propriedades lexicosseânticas muito parecidas no PB: ambos selecionam como argumento um evento interno e o tornam específico. A diferença é que os advérbios de grau, por algum motivo semântico talvez, não podem ser topicalizados no PB, enquanto os advérbios de modo podem. Ernst (2001), por seu turno, segue Tenny (a publicar) e desenvolve um maquinário semântico muito complexo para representar o cálculo FEO desse tipo de advérbio.

<sup>9</sup> O asterisco sobre a variável de evento na representação semântica indica que é um evento específico que está sendo modificado. É específico porque é o modo (ou grau de) como ocorre que o torna diferente de outros eventos de “estar perdido”.

Em (18) e em sua representação do cálculo FEO em (19a), também o advérbio *completamente* está numa posição inadequada, pois seleciona um argumento evento interno, o qual tem de ser interno a PredP.

É de se esperar que qualquer outro advérbio da mesma classe apresente as mesmas propriedades semânticas (seleção de um EI) e distribucionais (não podem ocupar posições pós-verbais). Convido o leitor a fazer testes intuitivos com outros exemplos de advérbios: *inteiramente, parcialmente, plenamente, incompletamente etc.*

Resta-me elucidar o fator que determinaria a posição do advérbio de grau antes ou depois do complemento. Seguindo a proposta adotada, esse advérbio poderia ser gerado uniformemente em adjunção à esquerda de PredP e, caso tivesse o traço [-Lite], por causa de focalização prosódica ou de comprimento relativo ao tamanho do complemento verbal, sua direção de adjunção seria invertida antes de *spell-out*, isto é, mudada para a direita de PredP, sendo pronunciado após o complemento verbal. Caso contrário, isto é, caso tivesse o traço [+Lite], permaneceria na sua posição à esquerda, onde seria pronunciado em PF.

Dessa forma, concluo que a teoria defendida em Ernst (2001) dá conta da descrição das propriedades distribucionais dos advérbios de grau do PB, a partir da consideração de suas propriedades lexicosemânticas (significado, seleção de argumentos e peso). Resumidamente, advérbios como *completamente* (de grau) selecionam como argumento um evento interno a PredP, o que os impossibilita de serem adjungidos a qualquer XP mais alto que PredP na estrutura hierárquica de uma sentença.

### 3.2 TERÍAMOS TAMBÉM ADVÉRBIOS ORIENTADOS AO SUJEITO NO PB E SERIAM ELES AMBÍGUOS ENTRE LEITURA DE MODO E ORIENTADA AO SUJEITO?

Advérbios de modo em PB, tanto em conformidade com dados empíricos (*corpus*) como com julgamentos de falantes nativos, são mais usados e aceitos em posições baixas, de preferência na posição **antes de complemento**, isto é, entre verbo e seu complemento. Em posições intermediárias (entre sujeito e verbo ou entre verbo auxiliar e principal) ou na posição inicial, muito raramente usados, tais itens lexicais, em geral, são aceitos apenas se se deseja destacá-los, isto é, focalizá-los prosodicamente. Observe estes fatos nas sentenças abaixo:

(20)

- a) *O Jonas tem lavado a louça desajeitadamente.*  
(advérbio adjungido à direita de VP)

- b) *O Jonas tem lavado **desajeitadamente** a louça.*  
(advérbio adjungido à esquerda de PredP)
- c) *?O Jonas tem, **desajeitadamente**, lavado a louça.*  
(advérbio adjungido à esquerda de PredP com o verbo principal em Pred)
- d) *?O Jonas, **desajeitadamente**, tem lavado a louça.*  
(o DP *o Jonas* talvez em Spec-TopP e o advérbio talvez em Spec-FocusP)
- e) *?**Desajeitadamente**, o Jonas tem lavado a louça.*  
(o advérbio talvez Spec-FocusP)

Contrariamente ao que acontece no inglês com esse mesmo advérbio, conforme Jackendoff (1972), em PB ele não tem a leitura de um advérbio orientado ao sujeito {*o Jonas tem sido desajeitado em/por lavar a louça*}. Parece não haver a possibilidade de julgar o Jonas um cara desajeitado pelo fato de ele ter lavado a louça. Sendo assim, em posições pré-verbais, o advérbio *desajeitadamente* continua tendo como argumento único o evento interno, fato que poderia indicar que o escopo do advérbio continua sendo o da sua posição inicial. Dessa maneira, a representação do cálculo FEO adotada precisaria não apenas mostrar o advérbio de modo selecionando um EI e transformando-o num outro evento, mas também que há uma focalização prosódica, ou seja, há um destaque desse constituinte. Isso se faz necessário porque as sentenças **a** e **b** são semanticamente diferentes das outras, mesmo que de maneira sutil. Sua representação semântica e seu cálculo FEO encontram-se em (21a) e (21b), respectivamente.<sup>10</sup> Veja:

(21a)  $\exists e [L(e) \& Agt(e,j) \& Th(e,l) \& DESAJEITADO(e)]$

(21b)  $[_{PROP} [_{Estado} Tempo [_{Evento-I} L(e) \& Agt(e,j) \& Th(e,l) \& DESAJEITADO(e^*)]]]$

A representação em (21b) mostra o advérbio tendo como escopo o evento interno, isto é, posicionado na esfera de PredP ou VP. Todavia, com o advérbio de modo deslocado à esquerda, focalizado prosodicamente, proponho que a mesma representação semântica seria aplicada, pois o vestígio

<sup>10</sup> Utilizo o termo *representação semântica* como sinônimo de *forma lógica*.

(ou a cópia) do advérbio na sua posição de base é que estabeleceria suas propriedades selecionais.

Observo, ainda, que uma sentença com esse tipo de advérbio focalizado na periferia esquerda passa a ser agramatical na sua forma negativa. Veja:

(22)

- a) \* *Desajeitadamente*, o Jonas não tem lavado a louça.
- b) \* O Jonas, *desajeitadamente*, não tem lavado a louça.
- c) \* O Jonas não tem, *desajeitadamente*, lavado a louça.

Tal fato comprova que é a posição de base a ativa para a satisfação de suas propriedades lexicosemânticas, pois o operador negativo força o advérbio a ficar numa posição sobre a qual a negação tem escopo.

Há, contudo, advérbios de modo que podem funcionar como advérbios orientados ao sujeito, quando aparecem em posições pré-verbais com ou sem focalização. Inclusive são ambíguos na posição entre auxiliar e verbo principal.<sup>11</sup> Observe:

(23)

- a) *A Joana tem tomado seu remédio de pressão corretamente.*
- b) *A Joana tem tomado corretamente seu remédio de pressão.*
- c) *A Joana tem corretamente tomado seu remédio de pressão.*
- d) *A Joana corretamente tem tomado seu remédio de pressão.*
- e) *Corretamente a Joana tem tomado seu remédio de pressão.*

<sup>11</sup> A observação de que, em PB, há alguns advérbios de modo que podem funcionar como orientados ao sujeito, ou seja, julgando-o em relação à sua atitude, foi-me feita pela Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira, da UFSC, no GEL 2002, durante minha apresentação de um trabalho. É claro que sou grato a ela por essa sugestão.

As sentenças **a** e **b** têm apenas a leitura de modo {*a Joana tem tomado seu remédio de pressão de maneira correta*}. Em **c**, contudo, observa-se uma certa ambigüidade entre a leitura de modo focalizada prosodicamente e a leitura orientada ao sujeito {*a Joana tem tomado seu remédio de pressão de maneira correta* ou *a Joana está correta em / por ter tomado seu remédio de pressão*, respectivamente}. Já as sentenças **d** e **e** apenas permitem a leitura orientada ao sujeito {*a Joana está correta em / por ter tomado seu remédio de pressão*}.<sup>12</sup>

Exemplos de outros advérbios que se comportam da mesma maneira em PB são: *brilantemente, cuidadosamente, gentilmente, inteligentemente, sabiamente, seriamente etc.*; enfim, qualquer advérbio que tem o poder semântico de julgar o sujeito em relação ao seu ato.

Vejamos, então, se estas leituras possíveis para os advérbios em questão podem ser descritas formalmente pela proposta de que os advérbios selecionam argumentos semânticos. Conforme Ernst, advérbios de modo selecionam um argumento evento interno, enquanto advérbios orientados ao sujeito selecionam dois argumentos: um evento externo e um agente ou experienciador.

Para as sentenças (23 **a** e **b**), a representação do cálculo FEO já é conhecida e se encontra em (24):

$$(24) \quad [ \text{PROP} [ \text{Estado} \text{Tempo} [ \text{Evento-I} \text{T (e) \& Agt (e,j) \& Th (e,r) \& CORRETO (e*)} ] ] ] ] ]$$

Já para as sentenças (23 **d** e **e**), nas quais o advérbio *corretamente* tem a leitura de advérbio orientado ao sujeito, teríamos a seguinte representação do cálculo FEO em (25a) e semântica em (25b):

$$(25a) \quad [ \text{PROP} [ \text{Evento} \text{CORRETO} [ \text{Estado-E} \text{Tempo} [ \text{Evento-I} \text{T (e) \& Agt (e,j) \& Th (e,r) \& (e, j) } ] ] ] ] ]$$

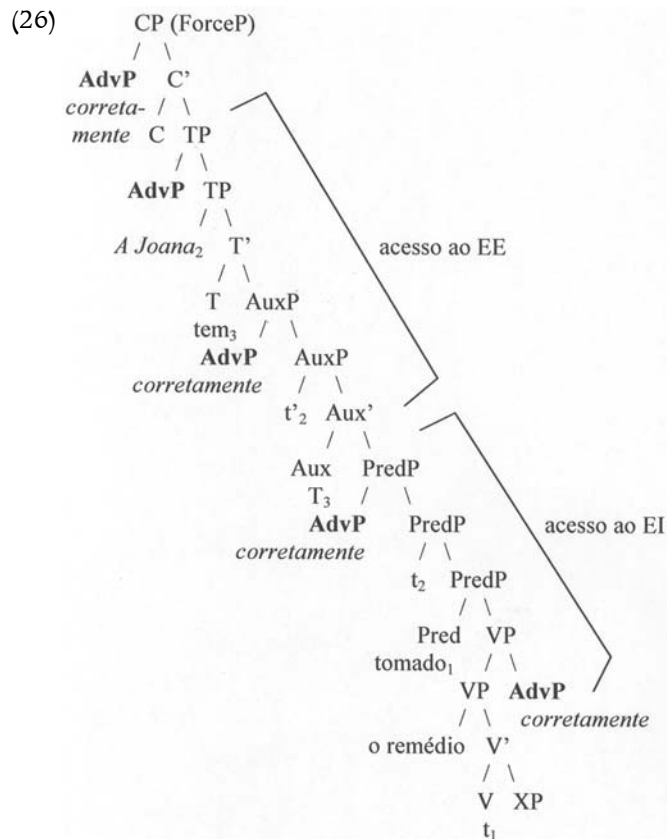
$$(25b) \quad \$e [ \text{T (e) \& Agt (e,j) \& Th (e,r) \& CORRETO (e, j)} ]$$

E como ficaria a representação do cálculo FEO de uma sentença ambígua como (23c)? Neste caso, ele teria duas representações, uma para

<sup>12</sup> Para muitos falantes do PB, esse tipo de advérbio é ambíguo entre leitura de modo (advérbio de modo focalizado) e leitura orientada ao sujeito, mesmo em posições altas (sentenças 19 **d** e **e**).



cada significado. O problema aqui é saber como o advérbio, na posição intermediária, poderia ter como argumento tanto um evento interno como um evento externo para poder funcionar ora como de modo, ora como orientado ao sujeito. Conforme a teoria proposta, um cálculo FEO desse tipo não seria viável. Contudo, como mostra a representação estrutural (26), entre o verbo auxiliar *tem* em T e o verbo principal *tomado* em Pred há duas posições de adjunção, uma com acesso a cada tipo diferente de evento. Dessa forma, se o advérbio for adjungido a AuxP, ele terá como argumento um EE, e sua leitura será de um advérbio orientado ao sujeito; por outro lado, se o advérbio se adjungir a PredP, ele terá como argumento um EI, e sua leitura será de advérbio de modo. Observe:



Assim sendo, concluo que, também para os advérbios orientados ao sujeito do PB, a proposta semântica de Ernst (2001) dá conta relativamente bem de descrever suas propriedades distribucionais e interpretativas. Afirmando isso porque não está claro o que “atrai” o advérbio orientado ao sujeito para uma ou para outra posição alta/intermediária da sentença. Esta proposta simplesmente descreve o fato de que ele pode ocupar tais posições, mas não o porquê de uma posição ou de outra, dentre as possíveis.

### 3.3 O CÁLCULO FEO DARIA CONTA DE DESCREVER AS POSSIBILIDADES DISTRIBUCIONAIS DOS ADVÉRBIOS ORIENTADOS AO FALANTE DO PB?

Seguindo Jackendoff (1972), Ernst (2001) considera como advérbios orientados ao falante um grupo relativamente grande de advérbios: *orientados ao discurso; avaliativos; epistêmicos e evidenciais*. Apesar de terem propriedades semânticas um pouco diferentes, todos têm em comum o fato de selecionarem como argumento interno uma **proposição** (ou algo do gênero, como um **fato**).

Começo, então, minha análise com um exemplo de advérbio orientado ao discurso. Observe suas possíveis posições nas sentenças abaixo:

(27)

- a) *Sinceramente, a Joana tem tomado seu remédio de pressão.*  
(advérbio adjungido à esquerda de TP)
- b) *A Joana, sinceramente, tem tomado seu remédio de pressão.*  
(advérbio adjungido à esquerda de TP, com o SP sujeito em Spec-TopP)
- c) *A Joana tem, sinceramente, tomado seu remédio de pressão.*  
(advérbio adjungido à esquerda de AuxP)
- d) *A Joana tem tomado, sinceramente, seu remédio de pressão.*  
(advérbio adjungido à esquerda de VP, posição impossível na proposta aplicada)

- e) *A Joana tem tomado seu remédio de pressão, sinceramente.*  
(advérbio adjungido à direita de TP)

Conforme a proposta em aplicação, o cálculo FEO das sentenças (27 a e b) seria o representado em (28). Observe:

$$(28) \quad [_{\text{PROP}} \text{SINCERO} [_{\text{PROP}} [_{\text{EVENTO}} \text{TEMPO} [_{\text{EVENT}} \text{T(e) \& Agt (e,j) \& Th (e,r)}]]]]]$$

A representação acima mostra o advérbio *sinceramente* tendo escopo sobre uma proposição, seu argumento interno. Em ambas as sentenças (27 a e b), o advérbio poderia ser gerado em adjunção à esquerda de TP, sendo que, na sentença (27b), o sujeito teria de ocupar a posição Spec-TopP para se obter uma sentença com seus constituintes nessa ordem.

O problema, então, surge em relação às outras sentenças. Veja o que acontece na sentença (27c): o advérbio é adjungido à esquerda de AuxP e, nessa posição, ele não consegue ter escopo sobre uma proposição, isto é, não tem acesso a seu argumento interno. A representação do cálculo FEO dessa sentença seria (29):

$$(29) \quad *[_{\text{PROP}} [_{\text{EVENTO}} \text{TEMPO} [_{\text{EVENTO}} \text{SINCERO} [_{\text{EVENTO-I}} \text{T(e) \& Agt (e,j) \& Th (e,r)}]]]]]$$

A sentença, dessa forma, deveria ser agramatical, mas não é. Este fato mostra que a proposta de que os advérbios selecionam determinados tipos de argumentos semânticos e que eles precisam ficar numa posição adjunta a seus argumentos antes de *spell-out* não dá conta de descrever a posição do advérbio orientado ao discurso na posição em adjunção a AuxP.

Já em relação à sentença (27d), sequer haveria posição adjunta, na estrutura sentencial proposta, para o advérbio ficar entre verbo principal e complemento. Em (27e), contudo, com o advérbio adjungido à esquerda de TP e tendo sua posição invertida à direita antes de *spell-out* (caso tivesse o traço [-Lite]), este teria escopo sobre uma proposição, seu argumento interno.

Concluo que, como todos os subtipos de advérbios orientados ao falante selecionam uma proposição (ou um fato, isto é, uma proposição

verdadeira), a análise realizada para o advérbio orientado ao discurso *sinceramente* serve também para os outros subtipos de advérbios desta classe. Como resultado, aponto, então, as mesmas convergências e divergências para eles, sem a necessidade de repetir a análise: a proposta em aplicação dá conta parcialmente de descrever as propriedades distribucionais dos advérbios orientados ao falante do PB, na medida direta em que o cálculo FEO de sentenças com advérbios do tipo em questão nas posições (i) **inicial**, (ii) **entre sujeito e verbo auxiliar** e (iii) **final** retrata adequadamente a gramaticalidade dessas sentenças. Deixa, contudo, de retratar a gramaticalidade de uma sentença com o advérbio na posição **entre verbo principal e auxiliar**, e a estrutura sentencial proposta não possibilita a ordem **verbo principal + advérbio + complemento** (com a existência de verbo auxiliar na sentença).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo de início eu gostaria de deixar claro que as conclusões deste trabalho são apenas parciais, pois das três grandes classes de advérbios em Ernst (2001), somente estudei e considerei aqui a primeira: os advérbios predicativos.

A tentativa de abordar as propriedades distribucionais e interpretativas dos advérbios predicativos do PB a partir de uma proposta como a de Ernst, a qual considera fatos sintáticos, mas privilegia fatos semânticos, não me pareceu satisfatória.

Em relação aos advérbios orientados ao sujeito, os quais, no princípio de meus estudos, não pensava que existissem no PB, e aos advérbios de modo, a análise adotada, contudo, revelou-se eficiente para a descrição de suas propriedades. Apenas não deixou claro o fator que determinaria o posicionamento desses advérbios nas posições inicial e auxiliar.

Outro fato importante para a conclusão aqui relatada é a ineficácia desse tipo de cálculo para todas as posições possíveis dos advérbios orientados ao falante do PB.

Observo, dessa forma, que o cálculo FEO das sentenças com advérbios não se demonstrou sempre eficaz, fato que me leva a concluir que há algum outro fator, talvez de outra natureza – sintática, fonológica ou discursiva, por exemplo – que precisa ser considerado com mais intensidade. Provavelmente os fenômenos sintático-discursivos do PB desempenhem um peso maior ou igual ao das propriedades lexicosemânticas dos advérbios dessa língua. Enfim, este “resultado parcial” aponta para a última hipótese.

A partir dos resultados obtidos com a análise neste trabalho, concluo que, de fato, fica muito difícil e imprecisa uma análise da distribuição dos advérbios numa sentença, baseada fundamentalmente em propriedades semânticas (lexicosemânticas). O motivo é claro: além do fato de a categoria gramatical advérbio, no português, pelo menos, ser extremamente rica, composta por vários itens lexicais com propriedades semânticas e distribucionais muito distintas, há ainda o fato de que o PB é considerado uma língua orientada ao discurso (NEGRÃO, 2000), fazendo uso de uma estrutura periférica complexa e capaz de mapear funções discursivas que precisam ser levadas em conta para a descrição das posições dos advérbios do PB.

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo verificar a eficácia de uma abordagem semântica das propriedades distribucionais e interpretativas de alguns tipos de advérbios em *-mente* do português brasileiro: orientados ao falante, orientados ao sujeito, de modo e de grau. A proposta de análise aplicada é a de Ernst (2001), que se baseia principalmente em propriedades lexicosemânticas e de atribuição de escopo dos advérbios. Nessa proposta, os advérbios em estudo são considerados predicados graduais que selecionam argumentos semânticos do tipo evento ou proposição numa escala gradual em que proposição é superior a fato, que é superior a evento externo, que, por sua vez, é superior a evento interno. Dessa forma, uma sentença como “Obviamente, o Marcos, inteligentemente, não fez a prova em meia hora.” seria formada pelo seguinte cálculo: o evento básico de “fazer a prova” é convertido em um outro tipo de evento – processo – pelo PP “em meia hora”, formando “fazer a prova em meia hora”. A negação o converte em um estado, formando “não fazer a prova em meia hora”. Depois, o tempo passado toma um evento/estado e o transforma em um mesmo objeto, e o advérbio “inteligentemente” faz o mesmo. Após a formação do último evento, este se converte livremente em uma proposição, a qual serve de argumento interno para o advérbio “obviamente”. Este toma uma proposição e a converte numa outra proposição. Ressalto, ainda, que a proposta adotada considera princípios da Teoria do Peso para a determinação de algumas posições dos advérbios.

Palavras-chave: *advérbios; adjuntos; seleção argumental.*

## ABSTRACT

This article aims at verifying the efficiency of a semantic approach to the distributive and interpretative proprieties of some types of Brazilian Portuguese *-mente* adverbs: speaker-oriented, subject-oriented, manner and degree adverbs. The analyses proposed is based on Ernst (2001), which is mainly based on lexicosemantic proprieties and attribution of scope of adverbs. According to this proposal, the adverbs in study are considered gradual predicates that select semantic arguments of the type event or proposition in a gradual scale in which proposition is superior to fact which is superior to external event which, in its turn, is superior to internal event. Thus, a sentence like "Obviously, Marcos wisely did not do his test in half an hour." would be formed by the following calculus: the core event of "do a test" is converted into another type of event – a process – by the PP "in half an hour", forming "do the test in half an hour". Negation converts it into a state, forming "not do the test in half an hour". Then, the past tense converts an event/state into another one of the same type, and the adverb "wisely" does the same thing. After the formation of the last event, it is freely converted into a proposition which serves as internal argument for the adverb "obviously". Finally, this adverb takes the proposition and converts it into another one. I also highlight the fact that the adopted proposal considers principles of the Weight Theory in determining some positions of adverbs.

Key-words: *adverbs; adjuncts; argumental selection.*

## REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, E. *Low adverbs across verbal and nominal clauses*. Trabalho apresentado no Congresso sobre Advérbios na Universidade de Tromsø, abril, 1999.
- CÂMARA JR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. Oxford: University Press, 1999.
- COSTA, J. Adverb positioning and V-movement in English: some more evidence. *Studia Linguistica*, v. 50, p. 22-34, 1996.
- \_\_\_\_\_. Adverbs as adjuncts to non-universal functional categories: evidence from Portuguese. *ZAS Papers in Linguistics*. No prelo.
- ERNST, T. More on adverbs and stressed auxiliaries. *Linguistic Inquiry*, v. 14, p. 355-379, 1983.

- \_\_\_\_\_. *The syntax of adjuncts*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.
- FIGUEIREDO SILVA, M. *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas: Unicamp, 1996.
- HAIDER, H. *Adverb placement – convergence of structure and licensing*. MS: University of Salzburg, 1999.
- JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.
- LAENZILINGER, C. More on adverb syntax and phrase structure. *Papers in Syntax*, Universidade de Geneva, 1999.
- LARSON, R. K. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 335-391, 1988.
- \_\_\_\_\_. Bare-NP Adverbs. *Linguistic Inquiry*, v. 16, p. 595-621, 1985.
- NEGRÃO, E. *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. São Paulo, 1999. Tese (Livre-docência) - Universidade de São Paulo.
- POSSENTI, S. Ordem e interpretação de alguns advérbios do português. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Unicamp, 1993. v. 2, p. 305-313.
- RADFORD, A. *A minimalist introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- RIZZI, L. The fine structure of left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997.
- ROCHETTE, A. La struture d'arguments et les propriétés distributionnelles des adverbes. *Revue Québécoise de Linguistique*, v. 20, n. 1, p. 55-77, 1991.
- TRAVIS, L. The syntax of adverbs. *Papers in Syntax*, McGill University, 1988.